OS COMBATENTES

José Calasans

OS COMANDANTES DE PIQUETES

Havia em Canudos um forte grupo de sertanejos fardados e armados, mantido pelo próprio Conselheiro, com os recursos angariados entre os fiéis. Era a Guarda Católica, também conhecida por Companhia do Bom Jesus. Seu comandante, João Abade, era o “chefe do povo”. Antonio Conselheiro explicou a frei João Evangelista a razão da existência da Guarda, dizendo: “É para minha defesa que tenho comigo estes homens armados, porque V. Revma. há de saber que a polícia atacou-me, e quis matar-me no lugar chamado Masseté, onde houve mortos de um e de outro lado” (João Evangelista, 14: p. 4). Se verdadeira a declaração do Bom Jesus Conselheiro, a companhia teria sido criada depois de maio de 1893, quando se travou o choque referido. Ao chegar ao Belo Monte já estava organizada e os antigos habitantes da localidade chamavam aos homens de armas de “gente da companhia”. Cabia à Guarda católica garantir a segurança pessoal do *messias* e zelar pela defesa da cidadela. Noite e dia, um grupo montava guarda em frente do *Santuário*, residência do Santo Conselheiro, e toda vez que ele transpunha o limiar de sua casa era recebido “com ruidosas aclamações e vivas à Santíssima Trindade, ao Bom Jesus e ao Divino Espírito Santo”. Não raro espocavam foguetes, fabricados por um tal Antonio Fogueteiro, que morava nas redondezas da cidade messiânica, em terras da abandonada fazenda Velha. Fogueteiro era também homem de clavinote e comandante de piquete, tendo atacado a aldeia de Mirandela, onde perdeu a vida, segundo noticiou a imprensa da época. Vale lembrar que o foguetório estava entre os usos do Conselheiro e seu povo. O dr. Políbio Mendes, que, ainda menino, assistiu à cerimônia da bênção da igreja do Bom Jesus, no atual município de Crisópolis, conservou para sempre o ensurdecedor pipocar dos foguetes em sua memória. Contou-nos o fato aos cem anos de idade. Nos tempos de paz, João Abade exercia totalmente o comando do seu poderoso grupo. Com a guerra, houve necessidade de distribuir seus comandados para as missões de vanguarda em

Uauá, serra do Cambaio, Cocorobó, Umburanas etc. Piquetes foram colocados em pontos estratégicos e entregues à chefia de jagunços corajosos, alguns com experiência de luta armada, de guerrilhas. Ficaram conhecidos por “comandantes de piquetes”, tendo Euclides da Cunha recolhido alguns dos seus nomes e postos avançados. Pedrão e Pajeú, sobre os quais falaremos em outras oportunidades, atuaram, respectivamente, nas Umburanas e em Canabrava, tendo Pedrão negado, num depoimento recolhido pelo engenheiro Silva Lima, sua qualidade de “comandante de piquete”, enquanto Honório Vilanova asseverou que lhe entregara o comando “de trinta homens e trinta caixões de balas”. Um “piquete” maior do que os outros, geralmente formado por 20 pessoas, segundo anotações de Euclides. Para Cocorobó e caminho de Uauá foram designados os irmãos Mota (ou Mata), sendo que João, caboclo moço, esteve nos primeiros dos dois pontos mencionados, e Chiquinho de Maria Antonia parece ter andado também na Canabrava. O negro Estêvão, com fama de malvado, tomou conta da estrada do Cambaio, onde se distinguiu, anteriormente, por ocasião da expedição Febrônio de Brito, o famanaz João Grande, chefe dos caboclos de Rodelas. Tipo de muitas negaças, gozava fama de bom jogador de facão. Corpulento, cara chata, barba curta, morreu despedaçado por uma granada (José Aras, 01).

JOÃO ABADE

Era um dos homens fortes do Belo Monte. Seus títulos, que frei João Evangelista do Monte Marciano ouviu mencionados pelos jagunços, bem o indicam. Chamavam-no “chefe do povo”, “comandante da rua”. Comandava a rua e o resto porque chefiava a Guarda Católica ou Companhia do Bom Jesus, organização armada, que cobria a segurança do Conselheiro e a defesa do povoado. Era amigo do outro homem forte, o negociante Antonio Vilanova. Ambos moravam em casas de telha, o que significava *status*. Abade, segundo disse Honório Vilanova, ia frequentemente à loja de Antonio, mesmo no tempo da guerra. Tudo indica ter havido sempre bom relacionamento entre os dois poderosos conselheiristas. O astuto comerciante e o poderoso clavinoteiro se entendiam bem. A aliança servia aos dois. Não corava o balcão de ombrear com o bacamarte.

Seu Abade, como era chamado, nascera na então vila de Tucano, Bahia. Descendia de boa família do pé da Serra, informou José Aras, no seu livro *Sangue de Irmãos*. Antonio Cerqueira Galo, em carta ao Barão de Jeremoabo, chefe político do nordeste baiano, garantiu que o “chefe do povo” era de Tucano. Conhecera-o menino, dava-se com seus familiares. Desmentiu, assim, uma notícia corrente no tempo da guerra, segundo a qual João Abade viera ao mundo em Ilhéus, fizera estudos, matara a noiva. Contou-nos Pedrão, que não morria de amores pelo “chefe”, como ocorrera seu primeiro crime. Foi na estrada Tucano-Itapicuru. Um homem estava surrando a própria mulher. A intervenção de Abade visava impedir a agressão. Terminou cometendo um assassínio. Processado, procurou o amparo do Santo Conselheiro. José Aras, porém, apresenta outra versão. Criara-se João Abade no lugar Buracos, município de Bom Conselho, tendo começado sua vida de cangaço sob a orientação de João Geraldo e David, famanazes do rifle na zona de Pombal. Tinha a cabeça roletada, como a de um

frade, era valente, era alto, era dos lados de Natuba, das bandas do mar", conforme descrição feita por Honório Vilanova.

Já se tornara pessoa destacada do séquito antes da chegada a Canudos. Dirigira, em maio de 1893, o primeiro choque dos jagunços com soldados da Polícia baiana. O bacharel Salomão de Souza Dantas, promotor público de Monte Santo, encontrou-o, nos dias que precederam ao embate de Masseté, em plena ação de chefia. A criação da Guarda Católica, fato sucedido após a ocupação da antiga fazenda do Vaza-Barris, veio fortalecer a posição do cabecilha. Tinha em suas mãos um grupo aguerrido, remunerado, obediente. Era respeitado e obedecido. José Travessia, sobrevivente da chacina de 1897, declarou a Odorico Tavares: "João Abade era um homem direito e com ele não havia moleza. Caiu no arraial, tinha que pegar no pau de fogo mesmo".

Frei João Evangelista, no dia de sua malograda Santa Missão em Canudos, viu com os próprios olhos a capacidade aliciadora do sertanejo de Tucano. João Abade, usando um apito, convocava gente canudense, fazendo e desfazendo, lançando contra os capuchinhos da Piedade o povão do Belo Monte. Na fase da luta sangrenta, dirigiu o ataque contra o tenente Pires Ferreira, na refrega dita de Uauá. Prosseguiu comandando e combatendo. Seu nome é referido em várias oportunidades, inclusive, na peleja do Comboio. Somente a morte iria afastá-lo da chefia indiscutível dos fanatizados homens do Bom Jesus Conselheiro. José Aras noticia como se deu o desenlace. Foi atingido por um estilhaço no patamar de uma das igrejas, ao cruzar a praça na direção do Santuário, morada do Conselheiro. Vargas Llosa, porém, no romance que dedicou à guerra do fim do mundo, imaginou outro fim para o "chefe do povo". Uma velhinha disse que os arcanjos subiram com ele pro céu. A velhinha viu...

nudense, fazendo e desfazendo, lançando contra os capuchinhos da Piedade o povão do Belo Monte. Na fase da luta sangrenta, dirigiu o ataque contra o tenente Pires Ferreira, na refrega dita de Uauá. Prosseguiu comandando e combatendo. Seu nome é referido em várias oportunidades, inclusive, na peleja do Comboio. Somente a morte iria afastá-lo da chefia indiscutível dos fanatizados homens do Bom Jesus Conselheiro. José Aras noticia como se deu o desenlace. Foi atingido por um estilhaço no patamar de uma das igrejas, ao cruzar a praça na direção do Santuário, morada do Conselheiro. Vargas Llosa, porém, no romance que dedicou à guerra do fim do mundo, imaginou outro fim para o "chefe do povo". Uma velhinha disse que os arcanjos subiram com ele pro céu. A velhinha viu.

- Martins de Cabrito, filho de João Abade, foi um dos mais violentos em Canudos. Matou a punhaladas um dos soldados. Depois do choque fechou a cara e foi para Canudos.
- Morreram 3 soldados e 4 conselheristas. (Rufino) Viana, avisou para Juazeiro e vieram enterrar os soldados. Um afogado.
- Conselheiro era "bitolado". Combateu a Bahia
- Manuel Ramos, irmão de Beato Ramos, combateu em Uauá.
- O prof de Matemática era fanático pelo Conselheiro
- N.C. queriam quebrar, chiqo, rasgar os editais
- João Geraldo e Luiz Manuel
- Tia Sali hospedava o Conselheiro
- Uauá passou no Canudos
- Henrique

PAJEÚ, JAGUNÇO ARDILOSO

Dele ficou somente a alcunha. Chamava-se Antonio, Pajeú de apelido. Sempre em evidência no noticiário da guerra, Pajeú era apontado como um dos *apóstolos* do Conselheiro. Critério de classificação da gente do litoral, certamente. Sem dúvida, porém, um eficiente chefe de guerrilhas. Talvez o mais astucioso dos guerrilheiros. Manuel Benício consignou o seu respeito: "Negro, ex-soldado de linha, enxotado e perseguido pela polícia de Baixa Verde, em Pernambuco, por ocasião do motim de Antonio Diretor, onde cometera diversos crimes" (Manuel Benício, 03: p. 168). Também José Aras, que o apresenta como um "negro feio e asqueroso", fala em sua condição de soldado, desertor, por crime, da polícia de Pernambuco. Natural do Riacho do Navio, lugar chamado Pajeú, donde o apelido (José Aras, 01: p. 24). Seria, assim, de Pajeú das Flores, centro sertanejo de valentões, segundo está na tradição e no cancioneiro.

> Se este mundo fosse meu
> Eu botava travessão.
> O sertão prá criar gado
> Pajeú prá valentão

Soldado de linha ou de polícia, Pajeú teria alguma vivência militar, aproveitada nas guerrilhas de Canudos. Pelo que se disse a seu respeito, o negro pernambucano era ardiloso, bom de tocaia. Euclides da Cunha e Manuel Benício, jornalistas que colheram informações no meio dos combatentes, acentuaram os ardis de Pajeú.

Em *Os Sertões*, Pajeú tem várias entradas. Estivera na serra do Comboio, dando combate à expedição de Febrônio de Brito, a segunda enviada contra os jagunços. "Bravura inexcedível e ferocidade rara", ele seria, na opinião de Euclides da Cunha, um representante típico de "todas as tendências das raças inferiores que o formavam". "Simples e mau, brutal e infantil, valente por instinto, herói sem o

saber” (Euclides da Cunha, 06: p. 282). Imaginou, depois, por detrás da sua envergadura desengonçada, o perfil fidalgo de um Brunswick qualquer (360). Nos dias da quarta expedição, Pajeú, na sua qualidade de quadrileiro famoso, criava, constantemente, dificuldades à tropa republicana (388), como quando congregou piquetes na passagem das pitombas (391), quando tocaiou os soldados nas encostas da Favela (396). O negro ardiloso teria assumido, na fase final da luta jagunça, depois que morreram os cabecilhas, o comando das guerrilhas (474). Na sua preocupação de comparar figuras, Euclides da Cunha disse, afinal, que o “bronco Pajeú emergia com o facies dominador de Chatelineau” (476).

Conforme o repórter do *Estado de São Paulo*, Pajeú morrera em julho, notícia que se choca com outras informações a respeito do seu fim. Parecenos que viveu além do citado mês. Em setembro, Lellis Piedade declarou que parecia sem fundamento a notícia de sua morte (Walnice Galvão, 08: p. 366).

JOSÉ VENÂNCIO, “TERROR DA VOLTA GRANDE”

Misto de beato e clavinoteiro, mais clavinoteiro do que beato, Zé Venâncio foi jagunço conhecido e temido. Frei João Evangelista, quando esteve em Canudos, ouviu falar de muitos cabecilhas da grei, mas reteve, apenas, dois nomes, os de João Abade e de José Venâncio. Do primeiro, diziam haver cometido dois homicídios, enquanto ao segundo atribuíam a autoria de dezoito mortes (João Evangelista, 14: p. 5). Euclides da Cunha, repetindo o informe do frade, registrou o mesmo número de mortes, considerou Zé Venâncio o “terror da Volta Grande”. Realmente, durante a campanha, alguns jornais de Salvador afirmaram que o destemido jagunço integrava o grupo de Volta Grande, famigerado chefe de cangaço das Lavras Diamantinas, na década de 90. Soubemos por Manuel Ciriaco que os pais de Zé Venâncio, Alexandrina e João Venâncio, moravam em Ipueiras, sítio próximo a Canudos, acrescentando que o famanaz do rifle viera de longe. Longe pode significar Lavras Diamantinas. Honório Vilanova, porém, declarou que ele era “um homem de São Romão”, localidade não identificada por nós (Nertan Macedo, 11: p. 128).

Depositário da confiança do Conselheiro, era uma das pessoas encarregadas de angariar donativos para as obras da igreja nova, relatou-nos Ciriaco. Missão importante lhe foi confiada por ocasião da presença dos capuchinhos no povoado, em maio de 1895. Após alguns dias de pregação, frei João Evangelista sentiu a inutilidade de sua atividade religiosa e não apareceu para celebrar missa como fora acertado. Sol alto e nada dos missionários, que não mandaram explicar o motivo da ausência. Antonio Conselheiro designou Zé Venâncio para ir falar com os sacerdotes. Honório Vilanova acompanhou o emissário, tendo reconstituído para Nertan Macedo o diálogo nada cordial. Falou o jagunço, depois do clássico “louvado seja N.S. Jesus Cristo”: “O Conselheiro está esperando pela missa”. O frade italiano, homem de modos bruscos, respondeu, com azedume: “Pois vá se

servir da missa dele". Replicou Venâncio, "se o nosso Conselheiro fosse padre nós não precisaríamos das missas dos outros. Eu queria que o senhor me despachasse para que eu diga ao Conselheiro o que devo dizer". Irritou-se, ainda mais, o frade da Piedade. Bradou: "Já lhe disse, vá se servir da missa dele", fazendo o sinal da cruz, voltado para os jagunços – "amaldiçoados". Atrevido e despachado, o conselheirista devolveu a maldição. "Eu também lhe amaldiçoo, em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo e da Virgem Maria". Terminou a conversa e a missão. Frei João, frei Caetano do Santo Leo e o vigário Vicente Sabino dos Santos deixaram Canudos pouco depois. Sabedor do ocorrido, Antonio Conselheiro sorriu, mas desaprovou a atitude do seu representante (Nertan Macedo, 11: p , 128).

Pedrão recordou outra tarefa executada por Zé Venâncio. Coube-lhe derrubar casas de fazendas e moradas menores após o choque de Uauá. Era o modo de impedir que os inimigos nelas se abrigassem na marcha contra Canudos. Cerca de 40 habitações foram destruídas. José Aras, confirmando que Venâncio era gente de Volta Grande, ajunta aos seus serviços o de haver trazido, quando se anunciava a vinda da expedição Moreira César, alguns antigos companheiros da guerrilhas dos garimpos, munidos de rifles "papo amarelo" e comblains tomadas da força policial baiana (José Aras, 01: p. 82).

José Venâncio – e não João, como escreveu Manuel Benício – combateu até o fim. Antes dele, pereceram Pajeú, João Abade, Macambira (Euclides da Cunha, 06: p. 549).

PEDRÃO, PORTEIRO

Caso houvesse eleição para escolha do nome maior dos jagunços de Canudos, daríamos nosso voto a Pedrão. No trato com livros, jornais, depoimentos de sobreviventes, ficou-nos a convicção de que Pedro Nolasco de Oliveira, também chamado Pedro José de Oliveira, era a mais forte personalidade do efêmero Império do Belo Monte. Ele próprio, aliás, reconhecia seu valor. Disse-nos, num longo bate-papo que mantivemos, depois de mencionar fatos expressivos de sua vida: “Faz pena um homem como eu morrer sentado”. Falava assim, quase aos noventa anos, porque estava paralítico das duas pernas, sentado numa gamela, movimentando-se com o auxílio das mãos no chão batido de sua morada em Cocorobó, onde viveu seus derradeiros anos.

Nascera em agosto de 1869 e morreu, segundo Paulo Dantas em junho de 1958. Vinha da Várzea da Ema, findou-se em Cocorobó, enterrou-se na Nova Canudos. Seu corpo foi o primeiro a ser sepultado no cemitério local, registrou José Aras. Conheceu o Bom Jesus Conselheiro no ano de 1885, na Várzea da Ema. Tornou-se logo seu adepto. Somente, porém, incorporou-se ao séquito do Bom Jesus após sua chegada a Canudos. Casou-se a 18 de agosto de 1893, com uma moça de nome Tibúrcia, natural do Soure. A família da esposa acompanhava Antonio Vicente Mendes Maciel há muito tempo, tendo perdido um dos seus integrantes, irmão de Tibúrcia, no choque de Masseté, em maio do ano acima citado. O casamento foi celebrado pelo vigário do Cumbe, padre Vicente Sabino dos Santos, na igreja de Canudos. Neste mesmo dia, casaram-se dois grandes amigos de Pedrão, Manuel Ciriaco e José de Totó. Frutos da desobriga do vigário Vicente e da imposição do Bom Jesus. Os amigados, esclareceu-nos Pedrão, “eram obrigados a se casarem no religioso”. Do enlace, nasceram 17 filhos, dos quais 10 criados. Os netos eram quase 70, quando conversamos. A mulher e uma das filhas, Maria, foram feridas no tempo do último fogo, sem maior gravidade. Não

perdeu nenhum dos filhos. A sogra, porém, pereceu no ataque de Moreira César. Saiu com a família quase ao término da refrega, quando o Conselheiro já fizera a viagem final. Falou ao Santo, de quem era compadre, pouco antes do óbito. O velho estava abatido, amargurado. Disse-lhe, com voz fraca: “Tantas imagens e tantos inocentes prá estes incrédulos acabarem”. O peregrino reconhecia a derrota. Narrando-nos o episódio, Pedrão sentenciou: “Abaixo de Deus, governo”. O caboclo sabia fazer frases.

Era entroncado, disseram a Euclides da Cunha. “Não era nem baixo nem nazarino”, mas “entroncado”, asseverou Honório Vilanova. Um Pedro forte, donde a alcunha de Pedrão. Um homem disposto para luta. Declarou-nos: “O coração pedia para brigar”. E brigou muito até o fim da guerra. Achou pouco. Meteuse em outra porfia. Durante a interventoria do capitão Juraci Magalhães, na década de 1930, foi contratado para combater Lampião. Sua volante de quinze homens, todavia, não teve ensejo de enfrentar o *rei do cangaço*, a quem encontrava, certa feita, casualmente, em paz.

Manuel Benício escreveu – *Pedrão, porteiro*. Sim, sendo um dos elementos da guarda católica, ficou muitas vezes na porta do santuário, local onde morava Antonio Vicente Mendes. A guarda mudava de quatro em quatro horas, informou-nos o destemido jagunço. Desempenhou, porém, evidentemente, outras missões. Saiu várias vezes para arrecadar dinheiro destinado às obras das igrejas. Pagava-lhe o Santo Conselheiro vinte mil réis por viagem. Numa dessas suas tarefas de pedinte, aconteceu o ataque de Uauá. De regresso ao arraial, soube que estavam insepultos muitos dos jagunços mortos naquele combate. Criticou o “chefe do povo” João Abade, por não haver providenciado o enterramento dos companheiros. O comentário chegou aos ouvidos de Antonio Conselheiro, que mandou chamá-lo. Pedrão confirmou o que dissera, dispondo-se a ir ao povoado de Uauá. Seu oferecimento foi aceito. Pediu e obteve 22 rapazes de confiança para a jornada cristã de dar sepultura aos irmãos mortos. Enterrou 74 pessoas, inclusive inimigos, asseverou-nos. Lembrava-se do quadro desolador da

localidade, com urubus e porcos comendo cadáveres. Deu sepultura também, meses depois, ao coronel António Moreira César. Em nossa presença, desmentiu a notícia corrente de que o corpo do comandante da III Expedição fora queimado. Não e não.

“Mameluco frio e de pouca zoada”, na opinião de José Aras, Pedrão chefiou 40 homens na peleja de Cocorobó, segundo declaração sua, e não na de Canabrava, conforme está no livro de Euclides da Cunha. Honório Vilanova recordava que seu irmão Antonio entregara trinta caixas de balas e o comando de trinta combatentes ao chefe Pedrão, que não era muito amigo do famanaz João Abade. Nem se entendia também com o cabecilha Pajeú, um velho desafeto. Ainda na várzea da Ema, tirara rixa com o negro.

Foi parar no Piauí depois da guerra. Andou por muitas terras do Nordeste. Voltou pra Várzea da Ema. Luciano Carneiro tirou, aí, uma fotografia de Pedrão ao lado de Ciriaco, que ganhou prêmio. Terminou no acampamento de Cocorobó. O engenheiro Arnaldo Ferreira levantou um abrigo para ele, mandando inscrever na parede da frente: Casa de Pedrão. Teve um grande enterro, consoante José Aras. Merecia a homenagem de saudade e apreço do seu povo sertanejo. Fora antes de tudo um forte.

BERNABÉ JOSÉ DE CARVALHO

Bernabé José de Carvalho se considerava uma pessoa importante. Não era um “mulato largado”. Apresentou-se, no dia 2 de outubro, ao general Artur Oscar, declarando ser casado com uma sobrinha do capitão Pedro Celeste, do Bom Conselho. Pedro Celeste era, realmente, um cidadão de prestígio no seu município. Possuía terras em Bom Conselho e Cícero Dantas. Acusado de haver cometido um homicídio em Salvador, por causa de um incidente numa casa de diversões. Solteirão. Está sepultado na matriz de Cícero Dantas (informação do mons. Renato Galvão, da Universidade Estadual de Feira de Santana). Euclides da Cunha testemunhou o encontro do moço jagunço com o comandante-em-chefe da Quarta Expedição, ficou bem impressionado com o tipo físico e com o desembaraço de Bernabé. As anotações da *Caderneta* e os comentários de *Os Sertões* evidenciam as impressões do repórter fluminense. Olhos azuis, cabeça chata, camisa azul. Tinha curriculum místico, porque fora beato do padre José Vieira Sampaio do Riacho da Casa Nova (Euclides caderneta: 04). Bem nutrido, tipo flamengo, a lembrar ascendência holandesa. Decidido. Prontificou-se a ir, com o tímido Beatinho, falar aos jagunços que queriam prosseguir na luta. “Falaria uma fala com eles”. “Deixasse tudo com ele”. E partiu para a missão arriscada (Euclides da Cunha, 06: p. 605) Favila Nunes, correspondente da *Gazeta de Notícias* (Rio), que também assistiu à conversa, escreveu Bernabé de Carvalho em vez de Barnabé da Cruz. A pessoa, porém, sem dúvida alguma, era a mesma. Gordo, louro, olhos azuis, um homem de seus 36 anos. Apresentou-se com um negociante, que fora a Canudos para mascatear, ali chegando três dias antes do sítio, não podendo mais sair do povoado. Alguns companheiros declararam que Bernabé comandara piquete, porém ele negou que tal houvesse acontecido. Reconheceu Antonio Beatinho, que estava receoso de voltar ao arraial, temendo perder a vida. Por ordem de Artur Oscar, seguiram juntos para convencer a jagunçada a se render. Retornaram ao acampamento militar, trazendo centenas

de companheiros, uma massa faminta, desnuda, ferida, morrendo de sede. Segundo Favila Nunes, o sertanejo de olhos azuis voltou (Walnice Galvão, 08: p. 202). Euclides dá a entender que não (Euclides da Cunha, 06: p. 606). Ambos, contudo, estão de acordo num ponto. Bernabé ou Barnabé prestou valiosas informações a respeito de certos fatos da vida canudense.

O acadêmico de medicina Alvim Martins Horcades, que o conservadorismo da época deve ter considerado um boquirroto, sem mencionar o nome de Bernabé, fala em Antonio Beatinho e seus dois companheiros, encarregados de trazer os jagunços recalcitrantes. O general Artur Oscar garantiu a vida de todos eles. Os três emissários, todavia, foram degolados às 8 horas da noite do dia 3 de outubro de 1897. Com eles, mais quinze sertanejos do Bom Jesus Conselheiro. É o seu depoimento (Martins Horcades, 10: p. 110).

MARCIANO DE SERGIPE

Honório Vilanova, irmão e compadre de Antonio Vilanova, narrou a Nertan Macedo algumas das suas reminiscências do tempo de Canudos. Ficaram registradas no livro, Memorial de Vilanova, de grande interesse para o conhecimento da guerra do Conselheiro. Num dos últimos capítulos do sugestivo depoimento, Honório conta que, tendo sido ferido e sabendo da morte do Santo Conselheiro, pediu ao mano poderoso autorização para sua saída do povoado em liquidação. Vilanova não quis deliberar por conta própria e resolveu reunir alguns chefes, num "conselho", para decidir sobre a situação. Reuniram-se os componentes do "conselho" no local onde estava o ferido. Experimentados lutadores, quase todos de Natuba (depois Soure) permaneceram calados, enquanto Honório sustentava a idéia de retirada. Morto Antonio Conselheiro, nada restava a fazer. Maurício e Vicentão, dois corajosos combatentes, "calados estavam e calados ficaram".

Um dos presentes, porém, Marciano de Sergipe, "sem fixar ninguém", "olhos pregados no chão", replicou, pausadamente. "Pois se o Conselheiro morreu eu quero morrer também". Ficou e morreu, "cortado pelas juntas, pernas, braços e dedos. Os soldados furaram-lhe os olhos", concluiu Honório Vilanova.

O destemido sergipano não figura nas páginas de *Os Sertões*, nem seu nome aparece nos livros de Manuel Benício, Henrique Duque-Estrada Macedo Soares, Dantas Barreto, autores que mencionaram vários jagunços do Belo Monte. Dele nos deixou notícias, apenas, no Relatório do Comitê Patriótico, o jornalista baiano Léllis Piedade, que confirma o fim heróico e trágico de Marciano de Sergipe, "degolado" em Canudos.

Chamava-se Antonio Marciano dos Santos e viera do Riacho dos Dantas, Sergipe.

Homem abastado, morava na fazenda Samba hoje Bonfim. Era casado com Maria Jesus dos Santos, que faleceu vítima da varíola em Alagoinhas, depois da campanha. Dois filhos do casal foram recolhidos pelo Comitê Patriótico – Jovina Marciano dos Santos, branca, cabelos castanhos claros, com seis anos de idade, e Júlio Marciano dos Santos, dois anos mais velho do que a irmã. Levara grande soma de recursos para Canudos, segundo ouviu Léllis Piedade, que soube também ser Antonio Marciano parente do tenente-coronel José de Siqueira Menezes, um dos chefes militares mais famosos da luta sertaneja. Euclides da Cunha, aliás, sem citar nomes, fez referência a familiares do militar, dizendo: "O tenente-coronel Siqueira Menezes, oriundo de família sertaneja do Norte, tinha até próximos colaterais entre os fanáticos", o que vem em abono da informação recolhida pelo representante do Comitê Patriótico.

Outros parentes de Marciano também estiveram em Canudos, a começar pelos seus pais, Joaquim José dos Santos e Felismina José dos Santos, ambos mortos durante a peleja. Urna filha do casal, Maria Rosa dos Santos, que foi parar em Alagoinhas, é citada como tia dos menores Jovina e Júlio Marciano dos Santos, sobre os quais já falamos. Maria Rosa ficou noiva do capitão Ângelo Francisco da Silva, do 5º de Polícia da Bahia, não tendo, por isto, regressado à fazenda Samba, onde possuía família em boas condições.

Conforme o coronel do Exército Arivaldo Fontes, natural do Riachão, o Conselheiro ajudara a construir a igrejinha e o cemitério de Samba, daí resultando, possivelmente, o relacionamento do místico cearense com Marciano e sua gente. Fiquem as notas acima como mais uma prova da presença dos sergipanos aqui, ali e acolá, no decorrer da história do Brasil.

mortos durante a peleja. Uma filha do casal, Maria Rosa dos Santos, que foi parar em Alagoinhas, é citada como tia dos menores Jovina e Júlio Marciano dos Santos, sobre os quais já falamos. Maria Rosa ficou noiva do capitão Ângelo Francisco da Silva, do 5º de Polícia da Bahia, não tendo, por isto, regressado à fazenda Samba, onde possuía família em boas condições.

Conforme o coronel do Exército, Arivaldo Fontes, natural do Riachão, o Conselheiro ajudara a construir a igrejinha e o cemitério de Samba, daí resultando, possivelmente, o relacionamento do místico cearense com Marciano e sua gente. Fiquem as notas acima como mais uma prova da presença dos sergipanos aqui, ali e acolá, no decorrer da história do Brasil.

José Anas conheceu o coronel Angelo-Abaurea Rosa. Deles há uma boa fotografia no Núcleo Sertão, órgão do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia